

CRIANDO PROFISSIONAIS MAIS APTOS PARA O MERCADO

Apagão Educacional pode comprometer todo o processo de desenvolvimento previsto para o País nos próximos anos

O termo “Apagão Educacional” foi citado numa matéria publicada recentemente pela revista inglesa “The Economist” sobre a educação brasileira. O futuro sem profissionais qualificados, treinados adequadamente para enfrentarem os desafios que nos esperam, parece ser muito sombrio.

Como deveria ser a condução do ensino no Brasil para criarmos profissionais preparados para o mercado? Quais são as deficiências que enfrentamos hoje? David Kallás, da KC&D – Consultoria e Desenvolvimento e Diretor Executivo da Anefac, aponta que o Brasil precisa sair do “ensinar para ir ao aprender. Professor algum ensina aos seus alunos, mas sim constrói um ambiente propício ao aprendizado. Cabe ao aluno estar aberto e buscar o aprendizado. Nesse sentido, educadores e professores devem deixar de lado o estilo antigo, baseado em aulas expositivas para novos modelos, mais dinâmicos e que tragam os alunos para um papel mais ativo (isso é o que se chama de aprendizado centrado no aluno)”.

Luiz Paulo Fávero, Prof. Livre-Docente da FEA/USP, parte para o lado mais prático e urgente da questão, ao afirmar que “não tenho dúvidas de que, em ambientes cada vez mais competitivos, é fundamental que o profissional desenvolva suas competências gerenciais por meio do aprimoramento contínuo e simultâneo do conhecimento técnico e do reconhecimento da importância da intuição e da percepção quando da tomada de decisões”.

Pier Paolo Atti, Partner Advisory da Grant Thornton e diretor da Anefac Jovem, aponta que atualmente vivemos, no âmbito mundial, uma demanda cada vez maior de conhecimento e principalmente de termos à mão as condições de respostas. Infelizmente, também estamos na contra mão dos educadores neste quesito, pois, se acompanharmos as últimas notícias veremos em todos os meios de comunicação que a educação por parte destes profissionais está totalmente

despreparada e desalinhada com os propósitos, valores, e agilidade como as informações estão atualmente apresentadas.

Luiz Everardo, Sócio Diretor da MF Soluções Empresariais, empresa especializada em gestão de RH, e Diretor da Anefac Carreira, lembra que antes de qualquer coisa, “é necessário melhorar a qualidade da educação, principalmente nos níveis do ensino fundamental e médio, de maneira a preparar melhor os jovens para o mundo do trabalho. O ensino profissionalizante deve ser ampliado e preparar os jovens para as complexas demandas do exercício profissional, envolvendo a capacidade de saber fazer escolhas, tomar decisões, analisar e interpretar informações de qualquer natureza, ter flexibilidade e saber pensar estrategicamente”.

“Temos na base educacional, lê-se ensino fundamental e médio, um descolamento das informações externas do tipo internet, jornais, para o que é transmitido aos estudantes em formação. Outro fator importante é que não há uma cobrança efetiva, por parte das entidades governamentais, deste preparo no que tange à exames com maior criticidade para de fato mostrar uma qualidade de ensino compatível a atual situação. Ao termos esta base prejudicada e se trouxermos ao universo de finanças, contabilidade, fiscal, e afins, veremos que a necessidade de atualização por parte do profissional, este que tem atuado na carreira, é extremamente alta, haja vista, que as empresas tem procurado profissionais habilitados e atualizados com todas as mudanças por conta desta globalização” afirma Pier.

O atraso na questão educação é um sério risco que enfrentamos em todos os níveis, segundo David Kallás. Segundo ele “em um ranking de 65 Países, somos o 53º colocado em Leitura e Ciências e 57º em matemática. Em níveis superiores a situação não é tão diferente. Apesar de ter praticamente dobrado o número de patentes entre 2005 e 2009, estamos ainda na 24ª posição em

David Kallás, Professor do Insper



nível mundial, com 480 pedidos em 2009. A Toyota, sozinha, registra mais que o dobro desse número, sem falar da China, que registra 7,9 mil pedidos de patentes que o Brasil (16 vezes mais!) e já está em quinto no ranking mundial”.

Everardo concorda com essa afirmação, registrando que “nos últimos anos o acesso à educação ampliou-se, mas a qualidade caiu e este é o principal desafio de nosso país, afetando todos os níveis, sem exceção”.

“Como entendimento geral sobre o tema, a solução estaria no investimento com a preparação dos profissionais de educação, para a base do ensino. Se transportarmos para o ensino profissionalizante, ensino superior, as entidades de classe devem incentivar, participar e proporcionar comitês de discussões técnicas, palestras para propiciar aos estudantes informações mais ágeis, dinâmicas e próximas da atual realidade corporativa”, finaliza.

Uma ressalva, no entanto, é feita por Fávero. Para ele, no Brasil há “ilhas de excelência em áreas como Biotecnologia, Genética, Aviação, Prospecção Mineral, Engenharia, Ciências Sociais Aplicadas, entre outras. Por outro lado, há uma massa imensa de profissionais que partem anualmente para o mercado de trabalho, nas mais diversas áreas, sem o preparo adequado. O que precisamos hoje, no Brasil, é analisar a qualidade, em detrimento da quantidade, para que possamos ter condições de gerar crescimento mais sustentado no longo prazo e enfrentar os problemas advindos de crises cada vez mais frequentes”.

>>Os riscos do apagão educacional

Muitos especialistas afirmam que o apagão na educação deverá causar sérios prejuízos em curto prazo para o desenvolvimento do País. Essa realidade está tão próxima assim? Everardo prevê que se “a economia continuar a crescer em médio prazo teremos problemas sérios com falta de mão de obra qualificada. Hoje temos falta de engenheiros e técnicos de nível médio e este quadro pode se agravar”.

Fávero ressalta que “não há crescimento sustentável capaz de competir internacionalmente sem uma educação de qualidade. Enquanto não houver uma maior valorização do professor, uma maior conscientização da sociedade e uma maior preocupação com a formação em leitura, escrita, matemática e ciências, o Brasil terá índices comparáveis com nações africanas ou latino-ameri-

canas que não possuem a nossa capacidade econômica ou ainda que vivem em pleno cenário de guerra, conforme também aponta o Prof. João Luís de Almeida Machado, doutor em Educação Pela PUC/SP”.

Kallás aponta, de forma mais sombria, uma realidade que, segundo ele, já está em nosso dia-a-dia. “Não há risco, pois já é um fato consumado. A questão é como faremos para tratar seus efeitos e reduzir sua duração. No nível educacional, há o agravante da queda de competitividade das empresas brasileiras e redução de vantagens competitivas do País, que ficará sempre nas mãos de setores baseados em mão de obra intensiva e pouco qualificada”.

Então, como educar adequadamente para que nossos profissionais tenham uma visão ampla do mundo que os espera?

Fávero coloca que “a tarefa não é simples e imediata, porém é preciso que haja um plano nacional de incentivo à leitura, à valorização do professor e à aplicação de indicadores de desempenho a alunos, pais e professores. Em outras palavras, é preciso que haja uma Revolução Educacional na base”.

Everardo acredita que “a escola necessita incorporar os problemas da vida real em sociedade (global e local) através de outras formas de aprendizagem que, muitas vezes, não se fazem presentes em sala de aula. Não se trata mais de conhecer só por conhecer, mas de estabelecer uma ligação entre o conhecimento teórico e a cognição prática, isto é, compreender a realidade para nela atuar. A educação deve propiciar ao indivíduo a capacidade de pensar por meios próprios, desenvolvendo seu potencial para a construção e reconstrução de conceitos e desenvolver continuamente novas habilidades”.

E sobre o nível de ensino especializado, Kallás afirma que “os cursos de graduação e MBAs tradicionais foram desenhados para desenvolver gestores e não líderes, pois dão muito foco em questões mecânicas e ferramentais. Para termos líderes, precisamos garantir o desenvolvimento não só de competências técnicas, mas também na dimensão humana. Eu me refiro a questões relacionadas a liderança, cultura, empreendedorismo e desenvolvimento de pessoas, entre outros. E, nesse sentido, esse papel não deve ser restrito somente às universidades. Empresas e entidades profissionais devem também abraçar esse papel”. ▲



*Pier Paolo Atti,
Partner Advisory da
Grant Thornton*